

OS OUTROS SISTEMAS LITERÁRIOS: O CÂNONE LITERÁRIO BRASILEIRO E A LITERATURA AMAZÔNICA

Mestrando. Amilton Queiroz¹ (UFAC)
Orientadora Dra. Simone Lima² (UFAC)

RESUMO: Este trabalho versa sobre o processo de formação do cânone literário brasileiro e toma por base as estampas do imaginário cultural amazônico. Ao eleger como viés teórico a literatura comparada, nosso objetivo centra-se na releitura e reescrita do *cânon* da literatura brasileira. Nesse sentido, *Simá – romance histórico do alto Amazonas* (1857), de Lourenço da Silva Araújo Amazonas, contribui para que a literatura amazônica configure-se como espaço cultural que articula mesmo a reconfiguração de identidades na produção literária do Brasil. É necessário então propor uma reflexão sobre os outros sistemas literários para que ressignifiquemos a ficção brasileira e redimensionemos o jargão canônicos e não-canônicos. Tudo isso, claro, alinhavado pela complexa e rica poética do imaginário da Literatura da Amazônia.

Palavras-chave: Literatura Amazônica, historiografia, cânone e Identidade.

Introdução

Este artigo expõe minhas inquietações com a análise e a busca de inclusão da literatura de expressão amazônica no sistema literário brasileiro. Diga-se ainda que não intento apresentar idéias acabadas; pelo contrário, as considerações que apresento sobre o imaginário cultural amazônico somam-se ao **GAEL – Grupo Amazônico de Estudos da Linguagem**, que desenvolve pesquisas voltadas ao reconhecimento de uma ficção amazônica; ou melhor, de uma literatura da Amazônia.

Sem dúvida, **Os outros sistemas literários: o cânone literário brasileiro e a literatura amazônica** possibilita indagar os parâmetros de beatificação dos romances indianistas *O Guarani* (1857) e *Iracema* (1865) em detrimento de *Simá – Romance Histórico do Alto Amazonas* (1857), de Lourenço da Silva Araújo Amazonas. Mesmo propondo a revisão do *cânon*, aqui, não se tem a finalidade somente de supervalorizar o projeto estético-literário desenhado por Lourenço Amazonas diante da construção das identidades do povo brasileiro; caso fosse esse a geratriz temática desse estudo, incorrer-se-ia na mesma perspectiva histórico-literária tradicional de eleger um texto como paradigma e enclausurar o outro sob o signo do silêncio. Pelo contrário, objetiva-se colocá-los lado a lado como símbolos de visões de espaços diferentes, somando-se à finalidade de construir uma tradição Brasília que, de fato, englobasse a heterogeneidade identitária do projeto estético-literário do romantismo brasileiro.

Por essa razão, o intento desse trabalho é trazer à tona o conceito de cânone literário, sem perder de vista o processo de formação sobre a literatura brasileira, tendo como objetivo uma revisão do paradigma da história literária brasileira, alicerçado no texto literário amazônico.

Destarte, as vozes teóricas articuladas nesse trabalho são as de Antonio Candido, Michel Foucault e Tomaz Tadeu da Silva. A escolha desses estudiosos justifica-se pelo enfoque singular

¹ **Amilton Queiroz, mestrando** (Universidade Federal do Acre), amiltqueiroz@hotmail.com

² Professora de Literatura Brasileira, da Universidade Federal do Acre, Departamento de Letras, ssouzalima@gmail.com

dado por eles à literatura, aos outros espaços literários, ao *cânon* e às múltiplas identidades por que o sujeito pós-moderno é atravessado.

De fato, esse trabalho tematiza que a literatura de expressão amazônica firma-se como um prisma discursivo que permite revisitar o sistema literário brasileiro, na intenção de ressignificá-lo a partir das linguagens e identidades do espaço cultural amazônico. Mais que isso, permiti-nos reavaliar os parâmetros e métodos de classificação da história literária brasileira diante do texto literário da Amazônia. Procura, para tanto, articular o desenvolvimento de uma crítica culturalista que traga a lume o caráter fluido, múltiplo e inacabado da identidade do sujeito pós-moderno, de forma a romper com as hierarquias entre o local/global e constituir um sistema literário que dê conta da heterogeneidade identitária dos diferentes imaginários culturais brasileiros. Por isso, proponho estudar a cultura amazônica e sua poética do imaginário.

1. A literatura amazônica e literatura brasileira

A reconfiguração de identidades na produção literária da América Latina ganha cada vez mais espaço na cena dos estudos literários. A literatura brasileira também passa por uma ressignificação de seu cânone literário, principalmente no que se refere à concepção de uma literatura nacional que evidencie uma identidade homogênea, unitária, fechada e acabada da nação brasileira. Na nova reconfiguração da geografia literária do Brasil, vê-se o cânone como sempre aberto, inacabado; portanto, susceptível a constantes revisitações. De fato, reescrevê-lo contribui para que outros espaços³ literários manifestem seus imaginários culturais através de suas linguagens e identidades de que são constituídas suas produções literárias.

Nessa visada de reconfiguração da literatura brasileira, a análise do discurso literário e da identidade nacional insurgem-se como instrumentos indispensáveis para se pensar a noção de literatura nacional e o processo de surgimento de uma nação. Aqui, cabe enfatizar que a idéia de literatura nacional funda-se, notadamente, com os românticos alemães⁴, para quem a literatura construía-se pela defesa de um sentimento nacional e pelo incorporar dos caracteres específicos de uma nação. Entretanto, reafirmar, hoje, um projeto de construção literária dessa natureza é endossar a perspectiva de um sistema literário homogêneo – constituído sob a bandeira de um caráter nacional, sem que sofresse qualquer interferência cultural. Por isso, a crítica atual rompe com concepção de que a nação e as literaturas nacionais sejam fatos naturais e essencializadores; passando a ver a nação como comunidades imaginadas⁵, cujo estudo deve pautar-se nos seus respectivos contextos e sempre conectadas a visões políticas de determinados grupos sociais, e as literaturas nacionais equivalentes a elementos que sustentam a identidade de uma nação. Vista desse ângulo, a literatura confere à nação um código cultural que projeta seu lugar no cenário mundial.

A rigor, as literaturas não figuram como meras ressonâncias da pretensão de um sentimento nacional, são antes bases para que uma nação se constitua enquanto tal. Por isso, elas se colocam, ao mesmo tempo, como resultados e formadores parciais da nação, seguida da defesa de um sentimento coletivo da identidade nacional. É nessa incessante jornada relacional que o *cânon* institui-se no sistema literário de cada país, tendo sempre à mente que existem outros cânones e que

³ O artigo *Outros Espaços* faz parte de uma conferência no Círculo de Estudos Arquitetônicos, 14 de março de 1967. A publicação desse texto só foi autorizada por Michel Foucault no escrito da Tunísia em 1967, na primavera de 1984.

⁴ COUTINHO, Eduardo. *Literatura Comparada na América Latina*. EdUERJ Rio de Janeiro, 2003.

⁵ *Idem*, p. 59.

a literatura nacional, de forma alguma, compreende uma grade literária homogênea, mas sim assume um caráter fugaz diante das múltiplas e diversas vozes literárias que, constantemente, permitem reescrever a historiografia literária, de acordo com a variação e a necessidade de afirmação que subjazem às literaturas nacionais e seus outros sistemas literários ainda não institucionalizados.

De maneira sintomática, o discurso literário exerceu um papel singular na construção das identidades nacionais dos países latino-americanos. Com efeito, mesmo com a permanência do olhar institucionalizado da Europa sobre seu imaginário cultural, os escritores da América Latina não se eximiram à tarefa de construir uma imagem literária do continente através de suas produções artísticas. Enfim, o que há de contraditório nessa perspectiva é que eles defendiam o surgimento de uma nova tradição que elegia como suporte a antiga matriz.

Aliás, é bom dizer que o Romantismo, movimento estético-literário importado da Europa pelos intelectuais latino-americanos, não ficou imune a essas contradições. Ainda que apresentasse transformações significativas, a Literatura da América Latina tinha como grade literária as instituições européias; isso demonstrava cada vez mais uma posição no mínimo ambígua do artista da América Latina. É só retomar as bandeiras levantadas por eles no processo de construção de uma literatura do continente: o elemento local da fauna e flora, bem como a configuração do componente indígena, para ver que a matriz é totalmente européia. O movimento indianista, no Brasil, exemplifica muito bem esse quadro contraditório, pois sua intenção era afirmar o índio não só como constituinte nativo, mas também histórico, cujo resultado imediato seria a exaltação de um passado nacional e literário gloriosos. Havia, assim, o escamoteamento da formação de uma identidade literária sólida, pura, quando, na verdade, constituía-se numa mera cópia estilizada do modelo europeu⁶.

Inscrito às bordas do eixo literário europeu, o Brasil, profundamente marcado pelo processo de colonização cultural e econômica, forma seu cânone literário alicerçado na articulação do surgimento e constituição da nação brasileira. Para tanto, é necessário saber que a palavra cânone deriva do termo grego *Kanon* e significava um padrão de medida, uma regra pela qual todas as obras são julgadas e avaliadas. Nesse sentido, privilegiou-se a construção de um discurso literário singularizado, homogêneo; no entanto, na atual conjectura dos estudos literários, o *cânon* não mais é visto como fixo, rígido, sem espaço propício à constante reformulação de seu *corpus* literário, mas sim aberto a capturar a multiplicidade de vozes e linguagens identitárias dos escritores brasileiros.

Destarte, desenvolver a análise das estampas do imaginário⁷ cultural da literatura brasileira é descortinar as fronteiras de seu cânone literário e redimensioná-lo no sentido de construir uma nova geografia literária em que diferentes espaços literários coexistam lado a lado e promovam a constante reconfiguração do sistema literário brasileiro.

Desta forma, o complexo e rico imaginário cultural amazônico configura-se como espaço que necessita ser investigado pela crítica brasileira. Inclusive, a produção romântica dos trópicos amazônicos permite revisitar a historiografia literária do Brasil e indagá-la quanto à omissão de *Simá – Romance Histórico do Alto Amazonas* (1857), do baiano Lourenço da Silva Araújo Amazonas. Publicada oito anos antes da edição de *Iracema* (1865), de José Alencar, e no mesmo ano de *O Guarani* (1857), também do escritor cearense, a narrativa amazônica não figura no cânone literário como local da cultura brasileira que acena ao projeto estético-literário romântico brasileiro. Ao contrário do que se poderia pensar, os artistas dos trópicos amazônicos não se furtaram à missão

⁶ *Idem*, p. 60.

⁷ CUNHA, Ineida Leal. *Estampas do imaginário: literatura, história e identidade cultural*. Editora da UFMG, Belo Horizonte, 2006.

de construir uma tradição brasílica a partir das linguagens e identidades do sujeito cultural da Amazônia. Logo, credita-se à historiografia literária a inserção da literatura de expressão amazônica na periferia do cânone literário brasileiro e, agora, nada mais que legítimo revisita-la e rescrevê-la a partir do projeto estético-literário do texto amazônico.

Alicerçados na tarefa de pensar os caminhos e descaminhos da literatura pan-amazônica, inscrevemos nossa discussão no campo da literatura, história e identidade cultural do homem amazônico. De forma mais evidente, o lugar de que partimos são as palavras de Antonio Candido no prefácio à segunda edição de *Formação da Literatura Brasileira*, diz o crítico comparatista:

Cada literatura requer tratamento peculiar, em virtude dos seus problemas específicos ou da relação que mantém com as outras. A brasileira é recente, gerou no seio da portuguesa e dependeu da influência de mais duas ou três para se constituir. A sua formação tem, assim, caracteres próprios e não pode ser estudada como as demais, mormente numa perspectiva histórica, como é o caso deste livro, que procura definir ao mesmo tempo o valor e a função das obras. (CANDIDO, 1981. p.09).

A cultura amazônica assume cada vez mais espaço na literatura nacional brasileira; a sua principal contribuição ao painel literário da nação brasílica deve-se à produção de seu imaginário social⁸. De fato, a singularidade da cultura amazônica permite que pensemos na formação e constituição da literatura da Amazônia, por isso, é necessário tratá-la de maneira bem particular, já que se difere dos demais sistemas literários brasileiros pela construção de uma poética do imaginário. Efetivamente, penetrá-lo através de sua produção artística é constatar que:

Comparada às grandes, a nossa literatura é pobre e fraca. Mas é ela, não outra, que nos exprime. Se não for amada, não revelará a sua mensagem, se não a amarmos, ninguém o fará por nós. Se não lermos as obras que as compõe, ninguém as tomará do esquecimento, descaso ou incompreensão. Ninguém além de nós, poderá dar vida a essas tentativas muitas vezes débeis, outras vezes fortes, sempre tocantes, em que homens do passado, no fundo de uma terra inculta em meio a uma alucinação penosa da cultura européia, procuravam estilizar para nós, seus descendentes, os sentimentos que experimentavam, as observações que faziam, - dos quais se formaram os nossos. (CANDIDO, 1981. p.10).

Baseado num olhar que pressupõe o estudo efetivo da literatura enquanto um sistema de obras ligadas por características comuns, Antonio Candido mostra-nos que o discurso literário não pode ser tratado como um jogo de significações prévias, uma vez que o mundo não se oferece a nós de uma forma legível. Logo, é preciso lê-lo a partir das representações identitárias expostas pelo imaginário das literaturas nacionais.

É por esse viés que *Simá*, o primeiro romance amazônico, e inserido na corrente indianista da narrativa brasileira, constitui-se, portanto, uma leitura indispensável à compreensão geral do panorama literário romântico brasileiro – preocupado em criar uma tradição brasílica avessa à cultura européia. Porém, a historiografia literária não o tem como texto que tematiza o processo de formação nacional e literária. Nesse sentido, é fundamental ler as obras da literatura amazônica, uma vez que são elas que nos exprimem, somente ao ressignificá-las, temos a oportunidade de revelar seu discurso identitário antes silenciado e que agora ganha notadamente espaço na reconfiguração literária do Brasil.

⁸ LOUREIRO, João Paes de Jesus. *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*. Editora Cejup, Belém, 1995.

Mas, antes, lancemos um olhar sobre as perspectivas por que se podem pensar as identidades pós-modernas. Aliás, cumpre enfatizar que o processo de formação das identidades⁹ oscila entre duas bifurcações: uma que busca fixar e estabilizar a identidade e outra que, ao contrário, subvertem-na, e desestabilizam-na. Por isso, da mesma forma que a linguagem, a identidade sempre escapa à minha pretensão de fixação para ceder lugar ao estágio heteróclito e heterogêneo da identidade cultural.

Como nosso trabalho circunscreve-se no âmbito das identidades nacionais, vejamos como a teoria cultural e pós-estruturalista articula um discurso capaz de discutir a formação de uma nação e sua literatura. Tomando, para tanto, os aspectos que Benedith Andersen convencionou chamar de “comunidades imaginadas”¹⁰, observamos que não há como endossar a crença de uma comunidade natural que englobe todos os seres humanos num único agrupamento nacional, logo é fundamental pensá-la, imaginá-la.

Por isso, no percurso de construção da identidade nacional, a criação de laços imaginários contribui para estabelecer vínculos que reafirmam um código cultural. A língua, nesse instante de formação identitária de um povo, é imposta como condição nacional única e comum. É também através da língua que algumas narrativas são forjadas enquanto símbolos de síntese da inteligência literária de uma nação, sendo que outros textos ganham cada vez mais o terreno da periferia do cânone literário.

Nesse ponto, somos instados a refletir sobre voz literária da Amazônia. Ora, não seria *Simá* uma narrativa que tematiza a busca de identidades e a preservação da cultura autóctone? Basta ler o texto amazônico para observar que a personagem Marcos, que passa a ser chamar Severo, sintetiza a perda da própria identidade, manifesta pela mudança de nome. De outra ótica, há também a procura pela preservação da identidade indígena, que pode ser lida ainda como uma revelação da hipocrisia da política pombalina. Mesmo com a manifestação dos elementos que discutem o processo de formação de uma consciência nacional e literária, o espaço literário amazônico não integra o sistema literário brasileiro. Assim,

Torna-se fundamental, então, realizar uma heterotopologia, isto é, uma descrição que teria por objeto, numa dada sociedade, o estudo, a análise, a descrição, a leitura desses espaços diferentes, desses outros lugares; uma espécie de contestação ao mesmo tempo mítica e real do espaço onde vivemos (VILELA, 1981. p.238).

Desenvolver uma argumentação nesse sentido é trazer à tona as contribuições teóricas de Michel Foucault no que se refere à temática do espaço. Em seu artigo **Outros Espaços**, o filósofo francês conduz o leitor à tese de que o espaço é marcadamente heterogêneo, já que o homem não vive em uma espécie de vazio, no interior do qual se poderiam situar os indivíduos e as coisas. Ao contrário, movimenta-se na esfera de um conjunto de relações que acabam por definir posicionamentos irredutíveis uns aos outros, sendo impossível serem sobrepostos. Desse modo, primeiramente, ensina que:

As utopias são posicionamentos sem lugar real. São posicionamentos que mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou inversa. É a própria sociedade aperfeiçoada ou é o inverso da sociedade mas, de qualquer forma, essas utopias são espaços que fundamentalmente são essencialmente irrealis. (FOUCAULT, 2001, p. 414-415).

Para, em seguida, inscrevendo-se na esfera do contraste, ponderar que:

⁹ SILVA, Tomas Tadeu. Produção Social da Identidade e da diferença. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Editora Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 2000.

¹⁰ *Idem*, p. 85.

Há, igualmente, e isso provavelmente em qualquer cultura, em qualquer civilização, lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contraposicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos, todos os outros posicionamentos reais que podem se encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora dos lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis. Esses lugares por serem absolutamente diferentes de todos os posicionamentos que eles refletem e dos quais falam, eu os chamarei, em oposição às utopias, de heterotopias. (FOUCAULT, 2001, p. 415).

Ainda em **Outros Espaços**, Foucault apresenta a tese de que o espelho é, inicialmente, uma utopia, dado que é um lugar sem lugar. De maneira mais concreta, à medida que o indivíduo olha-se no espelho, observa que não está lá; assim, constata que se acha longe, a sombra projetada no espelho permite-lhe identificar sua própria visibilidade, o que facilita a observância de sua ausência no espelho, portanto, utopia do espelho. Entretanto, no mesmo parágrafo, o intelectual francês diz que o espelho é uma heterotopia, já que, de fato, existe e age como uma espécie de efeito retroativo. Conseqüentemente, o olhar projetado no espelho volta-se àquele que o cogitou, de maneira a reconhecer-se como parte exterior ao espelho.

Na intenção de melhor entender o arcabouço teórico em tela, leiamos o espelho como equivalente à Literatura Brasileira e o indivíduo que nela se projeta, a Literatura de Expressão Amazônica. Destarte, resta enfatizar que essa última, tendo tomado consciência de si mesma, vem à baila firmar-se não como o espaço cultural brasileiro, mas sim um deles que acena para o projeto de nacionalidade brasileira. Efetivamente, à medida que se propõe a reconfiguração das estampas do imaginário literário brasileiro, é fundamental ter em mente todo o processo de formação do *cânon*. Basta fazermos um levantamento dos principais historiadores da literatura brasileira para constataremos que há a predominância de uma perspectiva eminentemente interpretativa, que teve seu auge em toda nossa tradição histórico-crítica. A historiografia literária desse momento centrava-se em críticos como Sílvio Romero e Ronald de Carvalho, que não apresentavam um modelo metodológico que abrangesse todo o cenário cultural brasileiro, de modo que isso trouxe sérias conseqüências para a constituição do cânone literário, visto que a escolha do grupo de autores e obras culmina por se instituir pela maior ou menor capacidade em agir como instrumento de representação do país. Instituíam-se, desse modo, um critério de seleção que privilegiava a ratificação de um cânone literário que englobasse todo um referencial literário brasileiro, tendo como sustentáculo tão somente a afirmação do valor interpretativo de que as composições literárias se revestiam.

Não abandonando o ângulo interpretativo sobre a obra literária, mas acrescentando o aspecto da análise efetiva do texto literário a partir de sua representatividade discursiva, Antônio Candido apresenta-nos uma ferramenta teórico-metodológica que viabiliza não só a análise da ficção, mas a ficção como instrumento de análise. Na verdade, com o método crítico de Candido, podemos constatar um deslocamento do paradigma histórico-literário, antes, visto pelo viés da linearidade, com destaque ainda para o enfoque diacrônico, para uma abertura à perspectiva das relações sincrônicas em que coexistem diferentes espaços literários, e mesmo os considerados menores, necessitam ser investigados.

Sem dúvida, a historiografia literária não pode ser mais vista tão somente como uma acumulação de datas e dados interpretativos, mas sim precisa de uma constante atitude metalingüística. O cenário que se desenha em torno da concepção de história da literatura convoca o crítico para realizar uma incessante procura do discurso histórico que realmente promova uma

releitura e reescrita do cânone literário. Tudo isso alinhavado pelo objetivo de analisar o imaginário da literatura brasileira e, em última instância, reconfigure-se a historiografia literária brasileira.

Retomando novamente Foucault, pensemos a questão das heterotopias. Por certo, tê-las como subsídio de análise significa trazer a lume espaços diferentes, outros lugares que têm sua inscrição na cultura, mas que, ainda, não foram vistos como tais. Com isso, pensa-se, aqui, a Literatura Amazônica numa visada heterotópica, porquanto, apesar de não reconhecida pelo sistema literário brasileiro, é plenamente identificável no plano cultural. Logo, levanta-se a produção artístico-cultural da linguagem e sociedade amazônica na perspectiva de formação e revisão do cânone literário brasileiro.

Para tanto, urge tomar o conceito de Literatura como ponto de partida. Em **Linguagem e Literatura**, Michel Foucault coloca-nos em um universo marcadamente conflituoso diante da definição de literatura, diz ele que “A literatura não é a forma geral nem o lugar universal onde se situa a obra de linguagem. É, de certo modo, um terceiro termo, o vértice de um triângulo por onde passa a relação da linguagem com a obra e da obra com a linguagem” (FOUCAULT, 2001, p 40). Sem dúvida, com Foucault, constatamos que a literatura não deve ser vista como a familiaridade de um autor com outro, ou como a linguagem corrente em uma dada época; ou melhor, encarada de uma maneira contundente, fechada, acabada. Pelo contrário, a literatura foge à mínima intenção de completude conceitual, mas sim ativa em que se nota justamente o escape para o terceiro espaço, devendo ser refletido constantemente à proporção que se quiser pensar o que é a literatura. Resumidamente, para Foucault, a literatura é uma linguagem de ausência, assassinato, duplicação, simulacro; por isso, ele defende a possibilidade de um discurso sobre a literatura.

Por esse prisma temático, somos levados à concepção de que no instante em que a página em branco começa a ser preenchida, toda intenção de definir a literatura é frustrada, visto que nenhuma palavra, de fato, pertence à literatura. Desse ponto de vista, toda palavra que intenta defini-la é uma transgressão da essência pura, branca, vazia da literatura, resultando na impossibilidade de realização da literatura. Logo, só serve para promover a ruptura, queda do ser da literatura, já que qualquer palavra impossibilita sua concretização. Em geral, o que se observa no século XIX, de acordo com Foucault, é a coexistência da consumação e assassinato inicial da literatura, a saber, não se trata da recusa ou acolhida de outras obras, mas significa a recusa da própria literatura.

Buscando, novamente, Foucault

Pode-se portanto dizer que, a partir do século XIX, todo ato literário se apresenta e toma consciência de si como transgressão da essência pura e inacessível da literatura. E, no entanto, em outro sentido, cada palavra, desde sua escrita na famosa página em branco da obra, faz um sinal para algo – pois não é a palavra normal ou comum – que é a literatura; cada palavra é um sinal que indica algo que chamamos literatura. (FOUCAULT, 2001, P. 143).

Nesse bojo interpretativo, é interessante pensar **Simá – Romance Histórico do Alto Amazonas** (1857) como uma escrita que “faz sinal para algo”, dado que não se reveste de uma palavra comum, portanto, aponta para o que é a literatura, sem defini-la. Mais que isso, possibilita revisitar o painel literário construído em torno de um caráter que englobasse a heterogeneidade região e nacional, heterogeneidade resultado de várias nações indígenas.

Face a esse cenário, firma-se o imaginário amazônico como um espaço cultural que permite ressignificar o perfil identitário das personagens ficcionais do romance brasileiro. A propósito, é possível aproximar **Simá** e **Iracema** no palco da literatura brasileira. Portanto, a narrativa do escritor baiano e a do cearense tinham o mesmo motivo inspirador: buscar no componente indígena

traços da identidade brasileira; entretanto, expunham também leituras bem distintas, uma vez que, em **Iracema**, há o desenho da “virgem dos lábios de mel...” – símbolo maior da tribo tabajara, e **Simá** apresenta uma mameluca bonita, resultado de um estupro consumado por Régis, regatão português, e Delphina, filha de Marcos, índio bem sucedido, proprietário de um pequeno estabelecimento comercial nos barrancos do Solimões.

Inscritas no contexto do romantismo brasileiro, as duas narrativas em foco buscam, cada uma, de acordo com suas condições de produção, apresentar o que seria a construção de uma tradição brasílica. Diante disso, assevera-se que o texto alencariano “pinta” a natureza brasileira com tamanha liricidade que culmina por idealizar a índia Iracema, colocando-a como símbolo de brasilidade. Há, nesse romance, uma tematização da busca de identidade e a preservação da cultura autóctone; tanto que é no elemento indígena que Alencar expõe a simbologia de formação do povo brasileiro.

Partindo desse princípio, cumpre pontuar que não somente o artista cearense tencionava formar uma tradição brasílica e que, por conseguinte, elegesse o elemento indígena como *locus* temático; outros intelectuais, através de seus projetos discursivos de formação identitária, também estavam imbuídos dessa tarefa. Assim, Lourenço Amazonas escreve **Simá** – tem como embrião discursivo a figura indígena, não sob o viés da idealização, antes sim opta por analisar o modelo português de colonização da Amazônia.

Diante disso, na narrativa amazônica, são pontuados aspectos que gravitam em torno da destruição das estruturas de madeira da casa comercial de Marcos e que não foram suficientes para acabar com as revoltas mal contidas dos estupros realizados pelos colonizadores. Há que se ressaltar que, ao focalizar tais situações, Lourenço Amazonas resgata, no romance em tela, a verdadeira causa da revolta da Lamalonga, assunto tratado em “Conselho dos Principais” (cap. XVI). É no decurso dos acontecimentos dessa revolta que Simá reencontra seu pai carnal (sem reconhecê-lo) e, tornando-se catequista, encontra Frei Eliseu um terceiro pai, já que considerava Marcos seu verdadeiro pai.

É bom ter à mente que a cadeia da tríplice paternidade metaforiza a questão da busca da identidade brasileira. É desse íterim que Lourenço Amazonas, inserido no bojo das discussões acerca dos discursos identitários em voga, coloca-se como uma voz discursiva que se pronuncia diante do projeto estético-literário romântico. E, claro, suas condições de produção fizeram-no redigir um texto que encenasse justamente o processo da revolta de Lamalonga, já que esse era o contexto histórico que o cercava. Quanto a esse aspecto, é fundamental vislumbrar o perfil identitário de sua heroína, pois, como podemos perceber durante a leitura do texto amazônico, ele não se inscreve na esfera da idealização; pelo contrário, efetiva-se no nível da análise do processo de colonização portuguesa na Amazônia. Logo, apresenta modificações e mutações de sentido através da diversidade da língua, como nos ensina Foucault em *Linguagem e Literatura*. Explicando melhor, a obra amazônica, circunscrita na prerrogativa de uma tradição brasílica, reafirma a busca de identidade, entretanto, não se limita a esse atributo, vai mais além disso, ao ressignificar o ideário romântico de acordo com suas condições de produção, circulação e recepção do texto literário amazônico.

Por esse viés, a perspectiva que direciona as pesquisas dos estudos literários centra-se principalmente na revisão dos cânones literários. Nesse passo, a literatura comparada firma-se como um campo teórico que permite discutir e problematizar a luta contra o eurocentrismo; mais que isso, colabora para se pôr em xeque um sistema constituído por grupos detentores do poder que instituíram uma obra literária como um discurso globalizante capaz de sintetizar toda a heterogeneidade de sistemas literários ainda não reconhecidos enquanto tais. Tudo isso com a

pretensão de constituir um modelo literário a ser seguido, ou melhor, o *cânon* cuja representatividade reside forçosamente na fronteira entre o literário e político. Assim, é indispensável enveredar pela análise do discurso dos “grupos minoritários”, tendo a intenção de ressignificá-los através daquela literatura que os exprime, e não outra que seja colocada de forma opressiva ao seu ambiente literário.

A questão do cânone literário revela ainda que os pilares¹¹ que sustentavam os estudos literários não possuem mais uma base homogênea, seus princípios tradicionalistas cederam lugar a uma reconfiguração das relações fronteiriças entre a Historiografia, Teoria e Crítica Literárias. Por isso, o cerne do debate instaurado na academia ambienta-se na construção de cânones forjados a partir de uma flexibilidade e cuja marca constitutiva seja sua constante reformulação; alinhado pela preocupação de não se cristalizar e tornar-se uma nova imposição a ser seguida.

Seguindo essa linha de raciocínio, constata-se que os artistas dos trópicos amazônicos também tinham um sentimento patriótico em construir uma tradição brasileira. Cabe-nos dar visibilidade a voz literária àqueles que não possuem outra escrita senão sua história concreta, pensando em manifestar diferentes sentidos, significações, ou melhor, nomear, trazer a lume o imaginário cultural amazônico. A manifestação da literatura amazônica passa pela recuperação de sua história enquanto corpo que vivia à margem do cânone literário, evidenciando os acontecimentos concretos que escreveram sua massa corpórea no entre-lugar do sistema literário brasileiro.

Conclusão

Ao articular uma crítica culturalista que prima pela análise de feixes identitários nos mais diversos espaços culturais, cuja principal preocupação é o rompimento entre as fronteiras do local/global, inscrevemos nossa discussão na esfera da análise dos outros sistemas literários, tomando como base de investigação o imaginário cultural amazônico e sua produção artístico-cultural. Assim, deve ter ficado claro que as estampas literárias amazônicas apontam à inviabilidade de um cânone literário, fechado, rígido, imitável; por isso, é necessário vê-lo numa incessante reconfiguração através de sua releitura e reescrita. Serão elas norteadas pelo diálogo transcultural, de modo a reconhecer os mais diferentes sistemas literários que compõem o imaginário cultural brasileiro.

Por acreditar que a esfera epistemológica da Historiografia, Teoria e Crítica Literárias permite realizar a análise das estampas do imaginário cultural brasileiro, tomamos a literatura amazônica como foco de nossa discussão para dizer que é necessário realizar a cartografia dos outros espaços literários, na intenção de inscrevê-los no cânone literário como detentores também de literariedade, portanto, um plano discursivo que culmina por evidenciar diferentes matizes identitárias. E, finalmente, evidenciar que há sim a possibilidade de um sistema literário que dê conta da heterogeneidade literária dos espaços culturais da literatura brasileira.

Enfim, o texto literário amazônico configura-se como um espaço instigador de diferentes leituras e interpretações, logo as reflexões acerca da literatura de expressão amazônica firmam-se, incessantemente, como rotineiras na cena dos estudos literários; ainda mais numa época em que o sujeito pós-moderno é visto sob o signo da identidade aberta, contraditória, inacabada e fragmentada. Por tudo isso, o complexo e rico imaginário cultural amazônico, com suas marcas discursivas, permite investigar o jogo de identidades presente nas práticas discursivas do texto literário da Literatura Brasileira.

¹¹ Coutinho, p. 37.

Referências Bibliográficas

- AMAZONAS, Lourenço da Silva Araújo. *Simá – Romance Histórico do Alto Amazonas*. Ed Valer, Manaus, 2003.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. Ed. Itatiaia, Belo Horizonte, 1981.
- COUTINHO, Eduardo F. *Literatura Comparada na América Latina*. Ed UERJ, Rio de Janeiro 2003.
- CUNHA, Ineida Leal. *Estampas do imaginário: literatura, história e identidade cultural*. Editora da UFMG, Belo Horizonte, 2006.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*. Ed Cejup, Belém, 1995.
- NITRINI, Sandra. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos – ensaios sobre dependência Cultural*. 2ª Edição, Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SILVA, Tomas Tadeu. Produção Social da Identidade e da diferença. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Editora Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 2000.